

Sarney

Manifestação quebra incomunicabilidade de Groff

Uma manifestação organizada pelo Comitê Pró-Diretas, pelo PT, pelo PDT, pelo PC do B e pela CUT levou cerca de 60 pessoas à Polícia Federal, na Praça Mauá, e conseguiu que o superintendente regional, Fábio Calheiros Wanderley, permitisse a visita de uma comissão aos presos Danilo Groff e Maurício Pencak, acusados da agressão contra o presidente José Sarney. Assim, foi quebrada a incomunicabilidade de cinco dias imposta pela Lei de Segurança Nacional, com base na qual os dois foram indiciados.

A comissão era formada pelo escritor Fernando Gabeira, pela deputada estadual Jandira Feghali (PC do B), por Ricardo Ribeiro, do PS, pelo presidente da Famerj, Almir Paulo de Lima, e por Isabel Picaluga e Eloi Beneduzzi, da Executiva regional da CUT-RJ. Danilo e Maurício gravaram um rápido agradecimento ao CPD e às entidades que participaram da manifestação. Os dois estão passando bem. Danilo foi visitado pouco antes pela mulher, Ione, na sala de pericia da PF, onde seria examinado na perna ferida durante os tumultos da Praça XV, na semana passada.

Na calçada — Uma faixa da CUT — “Liberdade para os presos políticos” — foi o máximo de ousadia tentada pelos manifestantes, que só no final gritaram *slogans* como “Abaixo a repressão” e “Diretas já”. Mas 10 agentes da PF, armados e com tubos de gás lacrimogêneo na cintura, foram para a porta do prédio da Praça Mauá impedir a manifestação. O delegado Geovani Azevedo disse aos manifestantes que aquela calçada era “área de segurança nacional” e que eles só poderiam ficar do outro lado da Avenida Rodrigues Alves.

Nilo Batista, advogado de Danilo Groff, e a deputada Jandira Feghali tentaram então negociar com o superintendente regional, e Nilo conseguiu até entrar no prédio com Ione, que visitou rapidamente o marido. A manifestação, tranqüila, sem gritos ou muitas faixas, prosseguiu na calçada, enquanto lá dentro uma comissão de 18 pessoas falava com Fábio Wanderley. Entre os que entraram na PF estavam os atores Lucélia Santos, Osmar Prado, o Secretário Mu-

nicipal de Cultura, Antônio Pedro, os deputados Carlos Minc (PV) e Jandira Feghali, a vereadora Dilsa Terra (PDT) e a repórter Marisa Bastos.

Depois de uma hora de negociações e visitas, a comissão saiu e só então a imprensa teve acesso à gravação da palavra dos presos. Danilo Groff apenas agradeceu “a todos, principalmente à imprensa, que tem se conduzido à altura de uma grande nação, às entidades que compõem o Comitê Pró-Diretas e aos partidos políticos”.

Já Maurício Pencak, da CUT, disse sentir-se orgulhoso pela iniciativa e manifestação da entidade. “Coloco publicamente que não me arrependo de nada e, como o bilhete que mandei para fora da prisão e como falei durante o inquérito, vou sair daqui e voltar imediatamente para a rua para continuar do lado do povo e das organizações dos trabalhadores para dar fim à esse desgoverno e conquistar a verdadeira democracia para esse país.”

Semelhanças — Fernando Gabeira lembrou que a Lei de Segurança Nacional em vigor “é a mesma do tempo da ditadura que todos os partidos, até o PMDB, já condenaram. A polícia continua entrando na casa dos presos sem mandado judicial e colocando-os na prisão, incomunicáveis. A diferença é que, antes, nem os advogados entravam nas celas. Mas a lei é a mesma”.

O delegado Geovani Azevedo explicou que não tinha nada contra a manifestação “desde que ela fosse ordeira. Mas o endereço é errado, a Polícia Federal apenas cumpre a lei. O Congresso é que tinha de ver isso”.

Surpreendida com a permissão de ver o marido, Ione Groff saiu da PF emocionada e prometeu hoje levar um bolo para ele. Ela passou poucos minutos com Danilo, que está bem, lendo os jornais “e eufórico com a visita”. Ione visitou Danilo pouco antes de esgotar o prazo de incomunicabilidade. “A Nova República me deu alguns minutinhos”, disse ela.

Para Nilo Batista, ex-secretário de Polícia Civil, a manifestação de ontem contra a LSN “alcançou plenamente suas finalidades.

Polícia diz que apressa “habeas”

O delegado do Dops da Polícia Federal, Carlos Mandin, garantiu estar apressando a transmissão de informações ao Superior Tribunal Militar para apreciação do *habeas corpus* impetrado pelo advogado Nilo Batista em favor do bioquímico Danilo Groff, preso sob a suspeita de ter participado do apedrejamento do ônibus do presidente José Sarney. A informação foi dada pelos advogados Luiz Fernando de Moraes, Alvaro Rangel de Carvalho e Jorge Gonçalves.

Os advogados foram visitar seu cliente, o professor e ativista sindical Maurício Pencak, da CUT, também preso sob a acusação de ter apedrejado o ônibus do presidente, há uma semana. Eles aguardam o resultado do *habeas corpus* impetrado por Nilo Batista em favor de Groff, pois pretendem usar o mesmo recurso em benefício de Pencak.

Pencak e Prestes — Embora tenha terminado o isolamento do preso — uma das sanções da Lei de Segurança Nacional — ontem não era dia de visitas na Polícia Federal e Groff ficou sem ver quem foi procurá-lo, com exceção de advogados. Por volta do meio-dia, foram barrados os deputados Alberto Brizola (PDT) e Paes Selles (PT), representando a Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa.

— Está claro o interesse de perseguição ao PDT por parte do governo, ao deixar incomunicável um preso sem qualquer prova contra ele — afirmou Alberto Brizola, referindo-se ao fato de Groff ser militante do PDT. — Só está faltando agora aplicarem a tortura física — criticou o deputado, reconhecido na porta da Polícia Federal por algumas fãs do locutor de programas românticos no rádio.

Durante toda a manhã, as únicas visitas a Maurício Pencak foram as de seus advogados, Luís Fernando de Moraes e Alvaro Rangel de Carvalho, além do advogado Jorge Gonçalves, que integra a direção nacional da CUT. Eles permaneceram cerca de duas horas com Pencak, que continua a protestar sua inocência com relação ao apedrejamento do ônibus presidencial. Ele diz que apenas passava pelo local quando foi surpreendido pela manifestação. Os advogados querem impetrar *habeas corpus* em seu favor, mas só o farão no caso de o Superior Tribunal Militar acatar o mesmo recurso usado pelo advogado de Danilo Groff, Nilo Batista.

A prisão especial em que estão Danilo Groff e Maurício Pencak — por terem nível superior — só lhes dá o direito de isolamento de outros detentos, mas ambos estão em celas individuais. Para superar o isolamento e o tédio, Pencak, 25, ativista de esquerda, se inspirou em Luís Carlos Prestes — o octagenário militante comunista — para programar sua rotina na cadeia: acordar cedo, fazer ginástica, ler e procurar manter a mente sempre ocupada.

— O Maurício já está aproveitando o que leu em *Olga* — lembrou ontem seu advogado Alvaro Rangel. Pencak foi ler somente na prisão o *best-seller* de Fernando Moraes, que relata a vida da ex-mulher de Prestes, judia, comunista e deportada para campos de concentração na Alemanha durante a ditadura Vargas. No livro há reflexos sobre passagens de Prestes pela cadeia do Estado Novo.